

Projeto UniCampo - Experiência de Extensão no Cariri Paraibano

Área Temática de Desenvolvimento Regional

Resumo

Através de um Curso de Extensão em Desenvolvimento Local Sustentável, o Projeto UniCampo – iniciativa da UFCG – iniciou sua experiência piloto na cidade de Sumé – PB, com 30 jovens camponeses oriundos de 20 municípios do cariri paraibano entre os meses de setembro e dezembro de 2003. Como principal objetivo buscou desenvolver e resgatar, através de um processo pedagógico, o “capital cultural” dos atores envolvidos, estimulando o potencial criativo, reflexivo, técnico e organizativo destes sujeitos. O processo foi conduzido a partir da problematização de sete questões-motivo, que nortearam os encontros: Quem somos? O que temos? Como usamos o que temos? Como potencializar o uso do que temos? Qual é o nosso projeto? Como nos organizarmos para implementar o projeto? O que fazer para colocarmos o projeto em prática? Além destas questões, foi utilizado um instrumento denominado Teste de Associação ou Evocação de Palavras. Constatação da capacidade coletiva de produção de conhecimentos e produtos (cordel, papel reciclado, xilogravura e jogo do cariri) como mostra da potencialidade e viabilidade de um projeto de desenvolvimento sustentável. Os resultados obtidos possibilitaram a continuidade da experiência, que já se encontra em curso desde maio do corrente ano.

Autores

Fernanda de Lourdes Almeida Leal (Mestre em Comunicação e Semiótica/ PUC-SP)

Márcio de Matos Caniello (Doutor em Sociologia/ UFPE)

Jean-Phillipe Tonneau (Doutor em Geografia Agrária, Université Paris X)

Josafá Paulino de Lima (Bacharel em Sociologia)

Alexandre Eduardo Araújo (Doutorando em Engenharia Agrícola)

Instituição

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

Palavras-chave: universidade camponesa; desenvolvimento sustentável; educação

Introdução e objetivo

O Projeto UniCampo – pela Universidade Camponesa tem como compromisso primordial contribuir para o desenvolvimento rural sustentável, promovendo uma agricultura familiar autônoma através do cultivo de um “capital cultural” que articule, por um lado, o resgate do ethos camponês entendido como base da identidade, fonte da auto-estima e vetor da autodeterminação dos agricultores familiares (Cf. Caniello, 1991), e, por outro lado, uma formação voltada para as necessidades e interesses desses atores sociais. Este processo deve ser construído por intermédio da difusão e crítica da informação sobre a produção técnico-científica, as políticas públicas e as ações devotadas ao fomento da agricultura familiar e por meio do debate sobre processos produtivos, de gestão e organização social apropriados às suas peculiaridades culturais, sociais, políticas, econômicas e ambientais.

A experiência piloto do Projeto UniCampo foi implementada no Campus Avançado da UFCG nas dependências Escola Agrotécnica de Ensino Fundamental de Sumé, município situado no “centro geográfico” do Cariri paraibano, através do oferecimento de um Curso de

Extensão em Desenvolvimento Local Sustentável para 30 alunos oriundos de 20 municípios da micro-região.

A escolha do Cariri paraibano como locus da primeira ação do Projeto UniCampo deveu-se a vários fatores. Em primeiro lugar porque esta microrregião está encravada em plena “diagonal seca”, onde se observam os menores índices de precipitação pluviométrica do semi-árido brasileiro (Cf. Cohen & Duque, 2001, p. 48); em segundo lugar, porque “os produtores agropecuários ainda representam os principais atores econômicos do Cariri, apesar da crise do setor”, congregando 70% da população economicamente ativa, com forte presença de agricultores familiares (Cf. Bazin, 2003, p. 19); em terceiro lugar, porque a microrregião tem baixos índices de desenvolvimento econômico e humano, com destacada carência no setor educacional (Cf. Bazin, 2003, p. 48-52); em quarto lugar, porque a Escola Agrotécnica de Sumé, cuja experiência educacional é extremamente interessante (Cf. Caniello, 2001: 23-25), tem uma excelente infra-estrutura para comportar o campus avançado.

O público-alvo foi composto por jovens camponeses com capacidade de liderança, vontade de progredir através dos estudos, com potencial de disseminação dos conhecimentos adquiridos e que tenham como opção de vida permanecer na região e trabalhar por seu desenvolvimento sustentável.

Durante 10 fins de semanas, entre 27 de setembro e 7 de dezembro de 2003, 30 educandos participaram de um curso de extensão de 120 horas/aula, cujo currículo consistiu de três módulos de formação, um módulo de síntese e três oficinas.

O módulo de formação humanística foi centrado na definição da identidade camponesa a partir de quatro perspectivas: arqueológica (a revolução agrícola – ou neolítica – como origem da civilização moderna), antropológica (o campesinato como um modo de vida), histórica (a formação do campesinato brasileiro e o povoamento do Cariri) e sociológica (os camponeses e seus dilemas frente ao capitalismo e à “modernidade”).

O módulo de formação técnica tratou fundamentalmente dos recursos do Cariri paraibano, seus usos e potencialidades (com a elaboração participativa de um zoneamento agro-ecológico) e da questão camponesa em face do desenvolvimento sustentável e das políticas públicas.

O módulo de formação social abordou temáticas como associativismo, cooperativismo e ação coletiva; o papel das lideranças para o desenvolvimento sustentável; a modernização e as tecnologias adaptadas ao Cariri (com um dia de campo dedicado à observação de experiências bem sucedidas).

Além dos conteúdos curriculares, foram promovidas oficinas de cordel, papel reciclado e xilogravura para que fossem estimuladas atividades que desenvolvessem o potencial artístico-cultural dos educandos, com três objetivos: estimular a ação criativa como estratégia pedagógica e meio de resgatar a identidade e a auto-estima; produzir materiais didáticos desenvolvidos interativamente, como o “jogo do cariri”, forma lúdica de produção de conhecimento local, que se destina a fixar e difundir os conhecimentos adquiridos para além dos processos presenciais; e demonstrar a potencialidade econômica da produção cultural (emprego e renda) no âmbito da “pluriatividade”, que deve caracterizar o desenvolvimento local sustentável.

O módulo de síntese resultou na conclusão de que o desenvolvimento do Cariri deverá ser fundamentado, por um lado, no resgate da identidade camponesa e, por outro, no fomento a atividades econômicas essencialmente agrícolas, sendo que a função produtiva comercial não deverá ser única: a produção para o autoconsumo, o artesanato, a gestão e conservação do meio ambiente, a preservação dos valores culturais e sociais são também tarefas do camponês caririzeiro.

Neste sentido foram definidas as seguintes diretrizes para os projetos de desenvolvimento local sustentável:

- Resgate e afirmação da identidade camponesa através da capacitação de professores do ensino básico (replicação do curso de extensão);
- Fomento à economia camponesa através do desenvolvimento de projetos baseados na produção agropecuária familiar, propiciando segurança alimentar ao homem do campo e às populações marginalizadas das cidades;
- Fomento à cultura camponesa através do desenvolvimento de projetos em turismo, artesanato e outras produções artísticas;
- Articulação e mobilização coletiva para consecução de objetivos e acesso a tecnologias apropriadas (formação de associações, cooperativas de crédito, bancos de sementes, consórcios etc).

Em resumo, o principal objetivo do Projeto UniCampo - que finalizou seu primeiro curso de extensão em dezembro de 2003 e encontra-se na realização do seu segundo ciclo desde maio deste ano - é construir um processo pedagógico destinado a desenvolver o “capital cultural” dos atores sociais engajados na agricultura familiar no semi-árido brasileiro – especialmente a juventude rural –, estimulando o potencial reflexivo, criativo, técnico e organizativo desses sujeitos, de maneira que eles possam responder ativamente às suas necessidades políticas, técnicas e institucionais para o desenvolvimento sustentável, interferindo especialmente na definição e implementação de políticas públicas.

Para atingir este objetivo, propõe-se a:

- Oferecer uma formação básica em Humanidades como estratégia para a construção de uma visão crítica da realidade e de um instrumental de pesquisa social aplicada;
- Desenvolver a capacitação em tecnologias apropriadas, articulando o saber local e as inovações científicas;
- Desenvolver capacidades organizativas e de gestão (gerenciamento da unidade produtiva familiar, associativismo, cooperativismo e questões de organização social e mobilização política)
- Estimular a construção de projetos de desenvolvimento local e apoiar sua implementação;

Promover a interação entre os atores sociais envolvidos na agricultura familiar e a comunidade técnico-científica;

- Constituir-se num fórum permanente de reflexão participativa, interativa e crítica sobre os processos de desenvolvimento no Brasil e as políticas públicas a eles relacionadas;
- Constituir-se num meio de difusão de conhecimento técnico-científico, das políticas públicas e de ações voltadas para o desenvolvimento local sustentável no Brasil.

Metodologia

Antes de nos determos mais especificamente sobre a metodologia do Projeto, parece-nos necessário discutir a concepção política e pedagógica que orientou a condução do Curso de Extensão.

Como uma proposta mobilizadora calcada na recuperação e no cultivo das potencialidades do ethos camponês e na promoção de sua interação com o saber técnico-científico universitário, o Projeto UniCampo buscou uma perspectiva político-pedagógica criativa, inovadora e filosoficamente revolucionária. Neste sentido, o pensamento de Paulo Freire mostrou-se como o que melhor responde a essas necessidades, principalmente porque sua pedagogia se apresenta não como um “manual ortopédico” sobre “como ensinar”, mas como um processo pedagógico, cuja preocupação epistemológica fundamental consiste em saber “o que significa conhecer” (Silva, 1999), respeitando as particularidades daqueles envolvidos nesse processo e enxergando a educação como meio indispensável à “mudança de uma sociedade de oprimidos para uma sociedade de iguais” (Gadotti, 1979, p.10).

Como um modelo diferente das metodologias tradicionais que consistem ainda hoje em limitar o pedagógico à sala de aula e à relação hierarquizada de poder/saber entre professor e aluno, o método de Paulo Freire faz nascer um pensamento pedagógico que conduz o educador a engajar-se social, cultural e politicamente na luta pela transformação de estruturas que sejam consideradas opressivas pelos sujeitos nelas inseridos (Cf. Gadotti, 1979: 10).

Assim, no que diz respeito ao modo como o conhecimento é construído, salienta-se a necessária atenção ao “capital cultural” existente, o qual é continuamente produzido no espaço pedagógico. O conhecimento, nessa perspectiva, não “aparece” importado de uma fonte universitária, cujo veículo seria o professor, mas produz-se continuamente como resultado da interface entre o saber já consolidado, que é re-significado a cada encontro pedagógico, e o saber que se produz.

Sob essa perspectiva, o professor deve “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (Freire, 1999: 52). É a substituição de um modelo fundamentado na “educação bancária” por uma metodologia alternativa denominada de “educação problematizadora” (Cf. Freire, 1975), modelo que se pauta numa perspectiva fenomenológica, para a qual não se separa, no processo de conhecimento, o ato de conhecer daquilo que se conhece, estando implicado nesse ato a presentificação do mundo para a consciência, que, para Freire, não é nunca um ato isolado e individual, mas intercomunicativo e intersubjetivo. Na perspectiva da educação problematizadora, o mundo não é simplesmente “comunicado”, mas educador e educandos produzem, através do diálogo, um conhecimento do mundo (Silva, 1999).

Quanto aos conteúdos curriculares, Freire desenvolveu uma importante premissa: o conceito de temas significativos ou temas geradores, que vão se constituir como a base dos conteúdos programáticos, para a elaboração dos quais não se dispensa o papel dos especialistas, mas o currículo é sempre fruto de uma pesquisa da experiência dos próprios educandos, que participam ativamente desse processo.

Nessa perspectiva, a condução do Projeto foi orientada por 7 questões-motivo que foram responsáveis pela movimentação de todo o processo pedagógico:

Quem somos? (Reflexões sobre identidade camponesa, identidade local, campesinato e capitalismo)

O que temos? (Levantamento dos recursos disponíveis da região para o seu desenvolvimento)

Como usamos o que temos?(Capacidades e problemas no uso dos recursos disponíveis)

Como potencializar o uso do que temos? (Articulando-se os “saberes e fazeres” locais e o saber técnico-científico definir rotas para o desenvolvimento local sustentável)

Qual é o nosso projeto? (Formulação participativa de projetos de desenvolvimento local sustentável)

Como nos organizarmos para implementar o projeto? (Capacitação em ação coletiva)

O que fazer para colocarmos o projeto em prática? (Formação de comitês gestores para a implementação dos projetos)

Estas questões foram perseguidas em todos os módulos e, a partir delas, pôde-se visualizar os resultados do processo. A sistematização dos mesmos obedeceu a um olhar mais qualitativo, não obstante tenha sido aplicado no início e no final do curso um teste de associação ou evocação de palavras, proposto por Tura (1998), que possibilitou visualizar de modo muito expressivo as mudanças de posição dos sujeitos antes e depois do Curso de Extensão.

Todo o processo foi documentado através de relatório produzido pela equipe pedagógica, fotografias, gravações em vídeo e fita cassete. Esse material possibilitou ampliar

o alcance da experiência, principalmente porque dele resultou a elaboração de diversos materiais de divulgação da mesma.

É conveniente ressaltar, finalmente, que o cerne de todo esse movimento, que ganhou corpo no Projeto UniCampo, parte do pressuposto de que o Curso de Extensão teve como proposta metodológica “escutar” os mais diversos sujeitos envolvidos no processo para, a partir dessa “escuta”, traçar, de modo mais sintonizado com essa produção, seus caminhos.

Resultados e discussão

Os trabalhos desenvolvidos ao longo da experiência do Projeto Unicampo convenceram os participantes de que, malgrado suas extremas vulnerabilidades ambientais, sociais, políticas e econômicas, o Cariri paraibano, como tantas outras paragens da região semi-árida mais populosa do Mundo, é um lugar prenhe de possibilidades de existência digna para os camponeses. Com efeito, os trabalhos demonstraram a capacidade coletiva de produção de conhecimentos e para melhor se identificar estas potencialidades e valorizá-las num projeto de desenvolvimento sustentável.

Depois de dez finais de semana de formação pode-se considerar que os educandos modificaram profundamente a sua visão em relação às perspectivas de desenvolvimento sustentável, valorizando a força da sua identidade, as potencialidades dos recursos naturais e das experiências locais, percebendo o local como centro do processo de desenvolvimento.

Nesse sentido, são elucidativos os resultados obtidos através da aplicação do "teste de associação de palavras" (Cf. Tura, 1998) realizado por ocasião da abertura e do módulo de síntese, que tinha como questão a seguinte pergunta: Quais as três primeiras palavras que lhe vêm à cabeça quando você pensa no Cariri? As respostas dadas nos dois momentos demonstram uma significativa modificação de perspectiva em relação à vida na região: enquanto na primeira dinâmica de grupo predominaram evocações negativas (71%), tendo como palavras mais citadas "seca" (17 evocações) e "dificuldades" (9 evocações), no segundo momento, a situação se inverte (70% das evocações são positivas), com a prevalência de termos como "persistência" (6 evocações), "esperança" (5 evocações) e "cultura" (5 evocações). Mais do que simplesmente significar a evocação de “novas palavras”, essa emergência aponta indícios de mudanças de perspectivas em relação ao Cariri não só como lugar, mas como espaço de produção de identidade. Aliás, tais mudanças foram sendo maturadas ao longo do Curso e constatadas através dos comentários, textos e posições adotadas pelos educandos durante os encontros.

Além dessa constatação dos resultados acima apontada, vale ressaltar um depoimento emblemático de uma das alunas na solenidade de encerramento, registrado no vídeo produzido sobre a experiência. Levantando-se da mesa redonda em que era uma das expositoras, Auricélia concluiu sua intervenção dizendo entre lágrimas: “Se eu nascesse dez vezes, dez vezes eu queria nascer caririzeira”.

Nesta fala percebe-se que a auto-estima e a identificação com o lugar foram resultados expressivos. Este fato provocou importante reflexão sobre a necessidade de processos que estimulem e impliquem os sujeitos envolvidos. Esta parece ser uma importante questão quando se pensa no papel que este curso de extensão teve: por intermédio das discussões e dos artigos produzidos nas oficinas (cordel, papel reciclado, xilogravura), observou-se a construção e/ou o resgate de uma identidade camponesa ou caririzeira, que funcionou como um importante mecanismo para que houvesse o desejo, por parte dos educandos, de continuidade do curso.

Entretanto, por mais bem sucedida que a experiência piloto se nos afigure algumas lacunas precisam ser observadas na continuidade do processo. É necessário que os educandos da turma pioneira adquiram as técnicas, metodologias e práticas necessárias para que eles mesmos tornem-se o que denominamos coletivamente de agentes de desenvolvimento

sustentável, movimento capaz de fazer com que eles se tornem sujeitos operacionais e ativos de suas histórias individuais e coletivas. Pois, durante as sessões de avaliação, os educandos expressaram o sentimento de obrigação diante dos compromissos que doravante têm em suas comunidades. Manifestaram também o desejo de desenvolver ações de educação nas escolas e nas comunidades, ações de desenvolvimento sustentável e de convivência com a seca, ações de promoção do artesanato.

Diante destas novas necessidades foram identificados três desafios a enfrentar:

Acompanhar e monitorar os educandos no desempenho de suas novas tarefas de agentes de desenvolvimento sustentável;

Replicar o curso de extensão, uma vez que a experiência piloto suscitou um apelo muito forte;

Elaborar um projeto de curso superior pautado pelas necessidades e características dos camponeses do semi-árido, consolidando o propósito de fundação de uma universidade camponesa no Brasil.

O último desafio, mais ambicioso em seu propósito, delineia-se como meta a longo prazo. Não obstante sua ambição, acreditamos que o seu êxito será consequência do trabalho atual, que deverá iluminar os caminhos pelos quais percorrerá a Universidade Camponesa no Brasil.

Conclusões

O projeto Unicampo já mostrou os seus efeitos. Enquanto experiência-piloto gerou um potencial criador e pleno de iniciativas em seus educandos. Estes, como sujeitos ativos de suas histórias, desejam e solicitam a continuidade dessa experiência que revela uma forte tendência de se consolidar como uma iniciativa que extrapola o nível da extensão e tende a caracterizar-se cada vez mais como uma fórmula nova e original de fomentar a educação.

Foram rápidas as suas consequências. As reflexões e os constantes debates da equipe pioneira concluiu que se faz necessária a utilização de novas e potentes ferramentas que garantam a continuidade da experiência. Tais reflexões continuam perseguindo a originalidade: pensa-se num modelo educativo que seja condizente com a realidade de seus potenciais educandos. Neste sentido, nenhum dos modelos vigentes parece responder a esta realidade específica. E, assim, criar a partir de uma experiência bem sucedida parece ser a saída.

Perseguindo os princípios já delineados pelo Projeto Unicampo, as experiências multiplicadoras poderão se efetivar de maneira singular em cada cidade ou região na qual o Projeto se instale. Esta parece ser uma oportunidade ímpar de fazer eclodir, em diversos lugares e em momentos sincrônicos, a partir da atual experiência deste Curso de Extensão, a Universidade Camponesa no Brasil.

Neste sentido, já está em curso o segundo ciclo do Curso de Extensão em Desenvolvimento Local Sustentável, que dá prosseguimento à experiência realizada ano passado, com uma ampliação em termos do número de alunos, bem como a sua representatividade – a experiência atual conta com 35 alunos, sendo que alguns deles são assentados da reforma agrária.

Evidentemente ainda não podemos avaliar quais serão os resultados dessa segunda experiência, embora, como dissemos, o desenvolvimento do primeiro módulo aponte para perspectivas bastante alentadoras. Seja como for, o processo de construção da Universidade Camponesa no Brasil nos parece irreversível e, como participantes da iniciativa pioneira, sentimos-nos responsáveis pelo desafio de sua consolidação. Para tal consolidação ressalta-se o importante papel da extensão universitária, pois graças a essa possibilidade de estreitar laços com a sociedade está sendo possível, no caso especial deste projeto, abrir um veio de

comunicação com aqueles a quem mais interessa a construção de um processo educativo no qual eles possam opinar em sua feitura.

Via extensão, Universidade e camponeses começam a desenhar no semi-árido paraibano um formato novo de ensino superior, até então inusitado neste cenário.

Referências bibliográficas

BAZIN, Frédéric. Plano de desenvolvimento sustentável do Cariri paraibano. Campinas, MDA/FAO, 2003, 71 p.

CANIELLO, Márcio de Matos. De sertanejo a retirante: os dilemas da identidade camponesa em A Bagaceira. In: ENCONTRO DE CIENTISTAS SOCIAIS DO NORDESTE, 5., Recife, 1991. Anais modernidade e pobreza: as ciências sociais dos anos 90. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1991. p. 301-316.

_____. O “território” do Cariri Ocidental Paraibano. 2001. 45 f. Relatório de Pesquisa. Projeto Dom Hélder Câmara, Recife, 2001.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 13 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 87 p.

GADOTTI, Moacir. In: Educação e Mudança. 14 ed.. São Paulo: Paz e Terra, 1988. 93 p.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo. 2 ed. Belo Horizonte : Autêntica, 1999. 106 p.

TURA, L. F. R. AIDS e estudantes: a estrutura das representações sociais. In: JODELET, D. & MADEIRA, M. (orgs.) AIDS e representações sociais: a busca dos sentidos. Natal, EDUFRN, 1998. p 53-82.